

O DRAGÃO DE SÃO JORGE E A MITOLOGIA DA CAVALARIA

FLAVIO JOPPERT

INTRODUÇÃO

O Santo é venerado no dia XXIII de abril, no Brasil é o padroeiro da diocese de Ilhéus, padroeiro da Ordem da Jarreteira na Inglaterra, e Padroeiro da Inglaterra, está presente no Brasão da Rússia Imperial. Não havia casa portuguesa na Brasil que não possuísse uma imagem de São Jorge. No Brasil é comum entre os negros a veneração de tal Santo, havendo até mesmo uma planta com o nome popular de espada de São Jorge.

No Missal de D. Beda O.S.B., há verbete que ilustra: *Era oficial do exército romano. Muito venerado como vencedor do dragão (tradições lendárias), tanto no oriente como no ocidente, morreu Mártir na palestina no ano de 308.*

Dentro de uma mitologia, há um oficial do exército romano que mata um dragão, ele é lembrado como mártir, mas sua imagem é representada como uma cavaleiro medieval armado, ornado e montado, matando um dragão com a lança.

As ferramentas da simbologia (Joppert, 2004; 2005) permitirão junto com a zoologia descobrir o motivo de haver o dragão. Além é claro de ler e explicar toda a lenda medieval de



FLAVIO JOPPERT

matar um dragão e liberar uma jovem donzela, algo próprio das novelas de cavalaria.

AS HISTÓRIAS E ESTÓRIAS DE SÃO JORGE

A *Grande Enciclopédia Larousse Cultural* (1998) informa que:

Jorge (São), mártir do séc. IV. Os documentos antigos que lhe dizem respeito são apócrifos e lendários, porém seu culto se expandiu largamente no Oriente e no Ocidente. É o padroeiro da Inglaterra e de certas ordens de cavaleiros. A arte o representa vencendo um dragão. No Brasil, o culto a São Jorge começou ainda nos tempos coloniais. Santo guerreiro, protetor das donzelas e dos oprimidos, foi identificado pelo candomblé a Oxóssi e pela umbanda a Ogum.

Já a *Encyclopaedia Britannica* (1973) informa que:

George, Saint (fl. Late 11th century; d. probably Diospolis, Palestine, now Lod, Israel), martyred crusader who enigmatically became the patron of England. One confused with Bishop George of Cappadocia, George's popular and increasingly extravagant, as in the 13th century Golden Legend, which tells of his rescuing a maiden from a dragon – so often represented in art.

He has been know in England at least since the 8th century, and no doubt returning crusaders popularized his cult (he was said to have been seen helping the Franks at the Battle of Antioch in 1098). He was probably not recognized as England's patron saint until King Edward III (ruled 1327-77) made him the patron of the new founded Order of the Garter. Pope Benedict XIV made him protector of the kingdom. His feast day was April 23, but in 1961 it was reduced by the Roman Catholic Church to commemoration, and in 1969 George was grouped with a number of other saints, including Nicholas, Maria Goretti, and King Louis IX of France, to be commemorated on January 1.



SÃO JORGE NA HERÁLDICA

— *Portugal. São Jorge: um Grito de Guerra* (OLIVEIRA MARTINS, 1955) assim foi a cavalaria portuguesa, e as tropas leais e servidoras das dinastias de Borgonha e seus descendentes sagrados Reis de Portugal. Não podendo esquecer que São Jorge é patrono de ordens de cavalaria como A Constantiniana de São Jorge, a de São Jorge de Hannover, de Santa Maria de Montesa por sua união com a de São Jorge de Alfama, etc. Logo ele está revestido de simbologia heráldica e por tanto o Dragão também possui sua simbologia.

Para estudar a simbologia do Dragão, e tentar chegar a uma explicação sobre a essência deste ser mitológico recorre-se ao Coronel Salvador de Moya. Para o coronel Moya o dragão simboliza vigilância, custódia, fidelidade, e prudência. Ainda informa o Coronel que o dragão pode ser indício de boa vista, verdadeira sabedoria, alguém que não dorme, furor, e presságio de destruição, rápida e inevitável.

Longe está de simbolizar o demônio, verdadeiro inimigo da igreja e objeto de combate de todos os cristãos. As medalhas de São Bento, cuja regra inspirou tantas ordens de cavalaria, trazem as inscrições: *Cruz sacra sit mihi lux, non draco sit mihi dux*. Já se encontra referência ao Dragão, draco em latim, como o demônio. São Bento é um Santo Romano, de família nobre, e por tanto deve haver sido educado dentro da tradição e cultura romana.

Se para a heráldica o dragão não é o demônio, para São Bento o era e para a cultura romana também por uma indução, por um corolário. Veja-se o que diz a Albrecht Dürer com suas gravuras. Nas reservadas ao apocalipse, a mulher revestida de sol está representada junto com o dragão, representado o inimigo dos desígnios de Deus. Igualmente em outra gravura Dürer apresenta São Miguel combatendo o Dragão. Também apresenta a imagem bíblica do anjo, a chave, e o dragão, o Anjo que possui a chave do abismo. Já a besta é representada em suas gravuras como um grifo de sete cabeças.



FLAVIO JOPERT

O DRAGÃO NA BÍBLIA

Já sabendo da simbologia heráldica, da simbologia da família beneditina, sabendo que o dragão e a besta são entes diferentes para Dürer. Recorre-se a Bíblia, com em seus artigos anteriores, a saber, Joppert (2004; 2005; 2006).

Em Neemias o dragão surge como:

E sai de noite pela noite do vale, e por diante da fonte do Dragão, e junto da porta da Esterqueira, e contemplava os muros de Jerusalém deitados abaixo, e suas portas consumidas pelo fogo. (Ne 2.13).

Já em Jó, o Dragão aparece sendo formado pela mão do Senhor:

O seu espirito adornou os céus, e a habilidade de sua mão produziu a cobra tortuosa. (Jó 26.13) Já uma versão apresentada pelo site Bíblia on line, informa que: *Pelo seu sopro aclara os céus, a sua mão fere o dragão veloz.* (idem)

Passando para Isaías tem-se que:

«Naquele dia o Senhor armando com a sua espada dura, grande e forte, visitará Leviatã, essa serpente robusta, Leviatã, essa serpente tortuosa, e matará a baleia, que está no mar.» (Is 27.1) Já o site Bíblia on line possui a versão para este verbete em que se substituí Leviatã por dragão, e baleia por monstro.

Nas citações, todas do Novo Testamento e especificamente do Apocalipse que são apresentadas em seguida, somente quanto aos verbetes, pois as imagens já foram exemplificadas na parte referente às gravuras de Dürer. A saber: Apocalipse Capítulo 12, versículo 3 e 9; Capítulo 13 versículo 2; Capítulo 16 versículo 13; Capítulo 20 versículo 2.

No capítulo 20, versículo 2 é feita a nítida referência de que o dragão é a antiga serpente: o demônio, satanás.

Então se parte se uma citação em que o dragão nitidamente aponta para a destruição e chega-se a um texto que remete a imagem em que o dragão é identificado como o Demônio, segundo a visão de São João. Quem é o dragão de São Jorge?



A TRADIÇÃO CRISTÃ

Quando do martírio de São João, nas portas de Roma, O imperador ficou objetivamente relacionado a o demônio pela nascente cristandade. O Fato de Nero ter incendiado Roma, culpado e punido os cristãos o remeta ao anti-cristo. Assim pode ser que o dragão de São Jorge seja um ser real. Vejamos com a zoologia, o que ela tem para informar. Mas antes lembrem-se que houve um Imperador Romano de nome Cômodo (*Marcus Aurelius Commodus*), de gosto um tanto extravagante, que governou Roma de 180 até 192.

PELA ZOOLOGIA E PELA HISTÓRIA

No velho mundo ocorre uma família de lagartos muito comum. A Família Varanidae. São lagartos grandes. Em um arquipélago da Indonésia, há um reduto de um lagarto específico. O lagarto e, questão é o Dragão de Komodo, são os maiores lagartos vivos, o *Varanus komodoensis* este seu nome específico, possui hábitos muito violentos, cegando a medir 3 metros, são de muita fúria no momento de caçar. Podendo despedaçar presas com simples chacoalhadas de cabeça. (Gans, 1980) Assim tem-se o Dragão de Komodo.

Eles vivem em ilhas, como último reduto, mas nada impede que antes não habitassem o continente. Será que surgiram nas ilhas como espécie autóctone? Ou lá chegaram e sobreviveram, até os dias atuais? Num destino diferente dos dragões que poderiam ter sido caçados no continente.

É essa a hipótese: Havia Dragões de Komodo no continente, tais dragões eram muito estimados pelo Imperador Cômodo. Sabendo de seu gosto nefasto por cenas macabras, pode ser que tenha protegido lagartos gigantes nos seus domínios imperiais.

Cem anos depois de Cômodo proteger os lagartos São Jorge mata um dragão, o dragão seria antiga propriedade do Im-



FLAVIO JOSSERT

pério Romano, objetivamente descendente de um dragão de Cômodo, não de Komodo ainda. Assim seria verídica a representação do Santo Guerreiro matando o dragão. Pedindo liberdade para a imaginação, nas linhas seguintes vai se apresentar porque o dragão representa o demônio, terminando pela conclusão.

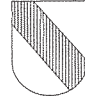
O DRAGÃO COMO DEMÔNIO

Sabe-se que o Dragrão de Komodo é tão violento voraz e furioso que é capaz de fazer estragos entre os seres humanos. Sabe-se igualmente que em todo o *orbe terrestre* sempre houve representações de dragões em toda cultura do Velho Mundo. A mordida de um Dragão de Komodo, mesmo que não despedaça, é mortal. Mata da mesma forma que os dinossauros carnívoros matavam, por infecção generalizada. O dragão, que representava a destruição, nada mais seria que inimigo do homem. Na visão antropocêntrica todo inimigo do homem é inimigo de Deus, pois Deus amou o mundo, amou o homem, e o criou a sua imagem e semelhança.

Se Cômodo gostava de lagartos e de crocodilos, não se sabe, mas todos esses animais passaram a representar o mal. Porque faziam mal a o homem numa visão unilateral, não podendo esquecer que no Levítico são tidos como animais impuros (Lv 11. 29-30).

CONCLUSÃO

O autor dessas linhas confessa que já possuiu um lagarto de estimação. Da Família Teiidae, um *Tupinambis teguixim*, conhecido vulgarmente como teiú. O motivo da estimação pelo lagarto é que ele havia tido as unhas arrancadas para um ritual de magia negra, e como biólogo, Flavio, cuidou dele por carinho e caridade. É um animal apaixonante, ficam mansos. Com muita saudade dele, dedico a todos os lagartos este arti-



go, aos que são livres e prisioneiros aos numerosos e ameaçados de extinção.

Pode o leitor ver que os lagartos atraem a estima humana, pelo menos de alguns. São muito ornamentais. O *Traité de composition décorative* trás muitas informações físicas sobre os lagartos, e principalmente que:

«Le lézard vert, très abondant en France, est très agile et possède des couleurs vives et agréables (...). Les corps souple du lézard offre au décorateur un élément remarquable pour le decor, il se plie à toutes les exigences de la forme et joint à cela une coloration charmant qui possède toute la gamme des verts.» É assim que a arte vê os lagartos.

É possível gostar dos lagartos, é possível criar um imaginário artístico com eles. É nítido que os lagartos inspiraram os dragões. Principalmente é sabido que o dragão de Komodo é um Sáurio.

Se São Bento estipulava que o dragão era o inimigo, pode ser indicio que no Império Romano os dragões fossem conhecidos. E na cultura local representassem para o povo o demônio, visto o gosto bizarro de Cômodo, nada impede que tivesse ele uma criação de lagartos gigantes, e que os alimentasse de forma estranha.

Ainda que solto pelas ruas de Roma, no Circo, ou nas províncias do Império pode muito bem ter ocorrido acidentes com sáurios ou crocodilos, e que a população os registrou como seres demoníacos. Propõem-se que antes de seu martírio São Jorge tenha matado um grande lagarto que ameaçava uma dama, ou um crocodilo em outras circunstâncias em alguma localidade do Império Romano, logo o Dragão é verídico e igualmente o Santo.

Amados e estimados por Cômodo, em cujo batismo as Ilhas levam seu nome, com uma notação K. A escrita do nome do arquipélago seria uma referência fonética, ao Imperador, pela ocorrência lá de seus lagartos, os lagartos de São Jorge. A história de São Jorge é descrita na *Legenda Áurea*.



FLAVIO JOPPERT

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DÜRER, A. 1999. *O apogeu do Renascimento Alemão*. M.N.B.A. Rio de Janeiro. 128 p.
- GANS, C. 1980. *Répteis do Mundo*. Melhoramentos. São Paulo. 160p.
- GAUTHIER, J. & CAPELE, L. – (XXXX) – *Traité de composition décorative*. Plon, 400 p.
- JOPPERT, F. 2004. O corvo na simbologia heráldica dos Peixoto. *Hidalguía*, 303, 263-271.
- 2005. Crítica a uma metodologia heráldica. *Hidalguía*, 309, 155-176.
- 2006. A simbologia heráldica da família Suckow do Mecklenburgo. *Hidalguía*, 315, 207-214.
- KECKEISEN, B. 1954. *Missal Cotidiano*. Tipografia Beneditina. Salvador. 1134 p. + [240 p.] + 32 p.
- MOYA, S. 1961. *Simbologia Heráldica*. Suplemento da *Revista Genealógica Latina*. São Paulo. 408 p.
- OLIVEIRA MARTINS, 1955. *A Vida de Nun Álvares*, Guimarães Editores, Lisboa, 484 p.

